



Lendo Camus – eu, visitante, um pouco ladrão

Pedro EIRAS

Escritor

§ Um autor é também o lugar onde o arrumamos, nas prateleiras das estantes. Autores que mudam de lugar: que são mudados. Lombada cravejada de letras a ouro, colecções de bolso, segundas filas, arrumos, livros empilhados e cheios de pó.

Geografia das nossas leituras: onde estão (onde jazem) os nossos livros. Geografia do nosso pensamento: que livros debaixo da língua, que livros doces na boca e amargos no estômago, que livros ardentes e frios.

§ De Albert Camus se diz, hoje, que é um autor “esquecido”. Factos: menos editado, logo menos lido? Menos recenseado, estudado, fora dos *curricula*? Menos clássico, porque fora da aula, da *classe*? Decerto. Um autor é também, então, o que se faz dele, com ele. E contudo – nada desse esquecimento quantitativamente marcado pode afastar o leitor que, por nostalgia ou interesse ou simples acaso, encontrar em Camus o autor de que precisa aqui e agora. Que seja ou não “autor esquecido” pouco deve importar ao leitor que precise de Camus. Ou, claro, ao escritor que rouba a seu bel-prazer as experiências dos textos antecedentes, já escritos, os que abrem caminhos.

Quando leio, leio o autor, não a sua catalogação. Pelo menos – tento que assim seja.



O mais esquecido dos autores pode ser a mais urgente das minhas leituras. Camus actualíssimo, se eu, leitor soberano, precisar dele como actual. E também Camus desactualizadíssimo, se eu assim o sentir. Aqui e agora, gero os meus contemporâneos e os textos de que preciso, irrepitivelmente. Nesse sentido, abandono todas as comunidades de leitores, assim intituladas, ou tacitamente tais. A actualidade nada deve à cronologia, obedece apenas a um relógio visceral – sim, exactamente: visceral.

§ Há em Camus um autor que me interessa como meu contemporâneo, onde velhíssimos dilemas continuam em luta, como há outro autor inevitavelmente envelhecido, logo, sem luta. Abandono este para atingir aquele – idades diferentes do mesmo autor. Velhices diferentes.

Por exemplo: abandono *Le Mythe de Sisyphe*. Há muitas razões para a minha antipatia em relação a este livro, a começar pela sua primeira frase, que se quer espectacular: a única verdadeira questão filosófica é a do suicídio. Não sei se se trata de um postulado incorrecto; sei que se trata de um postulado anacrónico. Novalis escreveu exactamente a mesma frase, um século e meio antes de Camus; Kierkegaard nunca explorou outra questão, e com uma sofisticação desesperada. Em Camus, a mesma tese permite questionar aquilo a que chama, logo depois, absurdo. Isto é, a impossibilidade de aceder a uma qualquer leitura transcendental e definitiva da existência. Mas também isto já foi experimentado no pânico de Dostoievski; do mesmo modo que o crime de Mersault, em *L'Étranger*, evoca o acto gratuito que Gide nunca parou de questionar.

A ausência de uma leitura transcendental da existência e a vivência feliz e criativa dessa mesma ausência são, para mim, pontos de partida. De algum modo, óbvios. Nunca pontos de chegada. E em nada paralisantes: é na ausência de uma narrativa transcendental que se podem criar narrativas transcendentais, ou quaisquer outras. Sísifo feliz é, para mim, evidente; o



livro que me interessa deveria começar a seguir, no espaço em branco da última página deste ensaio.

§ Tanto quanto me lembro, ou sei, escrevi duas vezes motivado por Camus. Eventualmente, contra.

A primeira vez foi num conjunto de crónicas sobre o poder mortífero da literatura. *Sic*. Crónicas sobre como a literatura faz de nós assassinos, suicidas, ou quejandos – saídas *on line*, depois aumentadas e transformadas num livro com título quilométrico (acho que nem eu o sei todo de cor): *Pequeno Divertimento sobre Literatura em cem lições, também conhecido sob o título Substâncias Perigosas, em que se explica por que meios os livros matam os seus leitores & onde se dão variados & mui instrutivos exemplos ao alcance do comum dos mortais* (Torres Vedras, Livrododia, 2010).

Aí, entre Sá-Carneiro ou Goethe, Platão ou Freud, e dezenas de outros nomes, *ad libitum*, evoquei Camus. Precisamente o início de *Le Mythe de Sisyphe*, porque coloca a hipótese literal do suicídio. Não o advoga, mas também não o recusa. E concluí:

Que faz Camus? Recupera os diversos romantismos alemães, claro, mas secularizados. Recusa Deus e a eternidade, e ainda o super-homem, para exaltar o instante e a vida. É claro que há aqui uma redução, a assunção de um estado de *absurdo*, mas também a percepção de que só resta esse pequeno reino do instante; e será preferível uma pequena convicção a um imenso engano.

Como Bataille (re)inventa um imaginário da morte, assim Camus (re)inventa uma escolha constante do (não)suicídio. Não a beleza nem o êxtase, mas a responsabilidade. Contudo, trata-se ainda de uma resposta à onipotência da biologia: contra a morte que me mata, eu escolho, ou não, a minha morte. Escolho, até, viver – no instante. Sísifo feliz.

...aceitar o *absurdo*, preferir o instante à eternidade, querer agir mesmo sem Redenção – era em 1942 um gesto revolucionário. Talvez hoje, depois de tanto imanentismo hedonista-consumista, seja quase reaccionário.



E se o único gesto revolucionário possível hoje fosse – regressar à eternidade?...

Estas linhas vêm da vigésima-sexta de cem lições sobre a literatura que mata; e, para dizer tudo, a vigésima-sétima lição destina-se a corrigir ou mesmo negar a lição anterior. Mau seria se este *Pequeno Divertimento* se destinasse a defender o que quer que seja. Excepto, claro, o próprio movimento contraditório das ideias.

§ Por isso me interessa *L'Étranger*: porque não sei o que pensar de Mersault, nem de quem o cerca. Mersault comete um crime sem razão, e deve ser julgado por isso. Mas condenam-no mais por frieza no enterro da mãe do que pelo assassinato do homem árabe na praia ao meio-dia; e então eu recuo. A própria gratuitidade do crime é incómoda e suspeita: não há nunca actos gratuitos, nem que seja preciso ir encontrar o mais obscuro e inconsciente impulso para explicar o inexplicável. Análise a que o romance se furta, e correctamente. E contudo, a mesma ficção propõe ainda a possibilidade de uma retrospectiva infinita: Mersault diz que, depois de ter vivido um minuto, seria possível ficar preso numa cela sem luz durante o resto da vida, a relembrar esse minuto de existência. Relembrar, desvendar, mas também, freudianamente, analisar, dobra a dobra. Mas também: dissecar – o minuto morto.

Perco-me. É natural que me perca. Porque *L'Étranger* não tem lugar onde eu possa ancorar a leitura. Romance de crise da verdade, em que eu não estou com nem contra Mersault, em que simplesmente não sei o que pensar de Mersault sem moral e dos seus oponentes com moral a mais, Mersault com o seu crime e a sociedade com a sua pena de morte, eu em sítio nenhum, incomodado. Interessa-me esse incómodo, o deserto que me cabe atravessar, multiplicação bakhtiniana dos pontos de vista, e nenhum saldo no fim.



§ Ou então, todos os saldos: *La Peste*. Livro, como se sabe, de 1947. Donde uma chave hermenêutica mais ou menos óbvia: a peste seria a segunda Guerra Mundial, o nazismo, o colaboracionismo, Vichy. E contudo, *La Peste* é muito mais do que esta questão que pretende resolver, depressa, o significado metafórico escondido. Em suma: pouco importa, uma vez instaurada a alegoria, desfazê-la. Importa, sim, ver como reagem as várias personagens a um confinamento extremo. Cerca-as a morte, ou o mal, ou qualquer outra forma de finitude; e o romance desloca a nossa atenção para outro tipo de acontecimento: a reacção que cabe ainda a cada qual. É aí que a verdadeira peste começa, ou não: no gesto isolado que cada personagem escolhe. Naquilo que, para usar termos kierkegaardianos, cada qual faz com a sua condição.

Romance fascinante, e que, a meu ver, nada envelheceu. Somos – sempre fomos e seremos – sensíveis a esse cerco. Reconhecemo-lo do mito de Édipo; lemo-lo nas parábolas de Artaud, nas experimentações de Saramago ou de Gonçalo M. Tavares. *La Peste* conta, pois, uma experiência universal, a da angústia. Mas insisto: o que me seduz aqui é a coerência – do médico, do padre que se lhe opõe mas que morre com outra tanta dignidade (ou gélida histeria?), daquele homem que gasta a vida a reescrever infinitamente uma frase absurda. Este romance é uma lente de aumento: tudo nele – os gestos mais irrisórios – se torna imenso. Mesmo a estupidez dos homens se torna colossal, e ao mesmo tempo ridícula, ínfima.

Desta vez, encontro diálogo de opostos, não dialogismo da cisão de si. O médico e o padre negam-se mutuamente, mas não se fragmentam por dentro, e o romance não deixa de dar razão ao médico (mesmo se...). As razões para reler *L'Étranger* não são as razões para reler *La Peste*. Neste romance, encontro uma claríssima máquina de pensar, de distribuir as possibilidades de acção, mais uma vez absurda, e feliz, sim, apesar de tudo, feliz. Máquina filosófica, decerto, e não sem corpo: são corpos, pessoas, seres capazes de sentir dor, que inventam as suas próprias leituras, pequenas transcendências efémeras.



§ Termino estas breves notas – notas mais ou menos ao acaso, de um visitante irregular. Mais acima, disse que escrevi duas vezes com, ou contra, Camus. Eis a segunda escrita: uma cena da minha peça inédita *Pedro e Inês. Comédias*.

Trata-se de um conjunto de “emendas” ao mito de Inês de Castro, que escrevi em 2006, salvo erro. No início, seriam umas 19 (?) emendas, todas elas um pouco malcriadas em relação ao mito. Sei que fui cortando algumas, por esta razão ou aquela. Neste momento, a peça, *in fieri*, é composta por 14 emendas, de tamanho irregular: desde monólogos ou diálogos de diversas páginas de texto até brevíssimas cenas de somente meia página. Em todas as emendas, porém, invariavelmente Inês morre, assassinada por Pedro. Cada emenda é numerada e inclui, entre parênteses, um nome de autor: Salomão, ou Brel, ou Mishima, ou Camus.

Eis uma das emendas, a mais breve:

Emenda 14.

(Camus)

Pedro e Inês no quarto.

INÊS

Pedro, sabes...

PEDRO

Ó Inês, não vale a pena.

INÊS

O quê?

PEDRO

Tu já sabes como isto acaba sempre.

Pedro dá um tiro a Inês, Inês morre.



E é só. Em 11 de Fevereiro de 2010, no Café Progresso, no Porto, o encenador Nuno Meireles fez uma leitura pública desta peça, e optou por deslocar esta emenda para o fim, terminar com ela o ciclo de mortes. Por isso a numero aqui como “emenda 14”, derradeira. Está correcto.

Não cabe dizer aqui muito sobre estas *Comédias*, o destino funesto das minhas Ineses, a culpa dos Pedros – tentarei apenas explicar o nome de Camus como introdutor de uma emenda. Recordo Barthes, *Le Degré Zéro de l'Écriture*, a necessidade de, custe o que custar (e custa muito), apontar um autor que escreva nesse grau zero, recusando a ideologia. Uma tábua rasa que, como Barthes soube, na verdade não pode existir; toda a sua obra posterior se escreverá contra essa promessa de um lugar despido, de uma linguagem inteiramente crítica, consciente, vigilante. Mas Barthes avança um nome: Albert Camus.

Mutatis mutandis, e porque as *Comédias* me davam essa liberdade absoluta e jocosa, quis que esta emenda fosse a mais simples, a mais directa. De algum modo, a mais cínica, com Pedro a resumir tudo num só gesto. Talvez Lacan dissesse: *il n'y a pas de rapport sexuel*. Depois de emendas de várias páginas, resumir ao mínimo esse desencontro, atingir um impossível grau zero da cena teatral. Precisei de Camus, da segura de Mersault, das frases de *La Peste*, da frontalidade de Calígula, para escrever essa emenda.

Eu, visitante, um pouco ladrão.